



- um dos primeiros estudos que surgiram foi recente, em 2013, feita pela OIT, onde mostrava que 55% do trabalho a nível mundial no turismo é feito por mulheres, com dados de muitos países e muito foco em dados da hotelaria e da restauração;

- em 2018 a OMT publicou o segundo Report Mundial das Mulheres no Turismo, onde apresenta a visão desta dinâmica vinculada com a visão do género no turismo, mostrando que em 2018 cerca de 54% da força laboral turística era constituído por Mulheres;

- África é o continente onde mais mulheres trabalham no turismo.

Daniela considera que uma das chaves para estudar o turismo do ponto de vista do género, é relevante porque existem mais Mulheres a trabalhar no setor. Relembra que segundo a OMT, 1 em cada 10 do emprego mundial é gerado pelo turismo, 54% deste emprego é levado a cabo por uma Mulher.

Destaca ainda que isto não é só uma questão de números, esta análise do turismo do ponto de vista do género vai muito mais além.

A questão da precariedade no turismo é importante ser realçada, pois, apesar da quantidade de Mulheres que trabalham no sector, quando se analisa do ponto de vista qualitativo, depara-se com muita precariedade.

Uma das causas é porque as mulheres fazem um trabalho muito vinculado ao trabalho doméstico e a cuidados. Por isso a Mulher não tem um reconhecimento vinculado com a liderança, poder e tomada de decisões. As camareiras dos hotéis são um excelente exemplo por serem peças fundamentais para que o hotel

mantenha a sua qualidade turística, porém, são as que têm as condições mais precárias e condições salariais impotentes.

Efetivamente os países mais pobres trabalham o turismo como uma via para a redução da pobreza e de cooperação para o desenvolvimento.

O turismo tem ajudado assim muitas Mulheres a empreender e a ter um salário, contudo, ainda existe muito por fazer, necessitamos de mais iniciativas, mais análises para que as mulheres tenham uma mulher posição na cadeia de valor do turismo, mais oportunidades para competir, governar e fazer parte das políticas de governança e liderança do sector.

Hoje em dia, grande parte dos postos de tomada de decisão no turismo são ocupados por Homens e isto não pode ser se as Mulheres compõem a grande parte da força laboral turística. As salas das universidades estão cheias de Mulheres a estudar turismo.

Foram ainda focados os seguintes pontos:

- a diferença salarial é de aproximadamente 14% de acordo com a OIT, nos países latinos é de 21%;

- as organizações que trabalham o empoderamento da Mulher e de igualdade de género devem trabalhar de mãos dadas com as instituições turísticas;

- nos últimos 11 anos a maior parte dos esforços feitos para incluir a análise de género no turismo, vêm de organizações vinculadas ao direito da mulher e não de organizações que trabalham estritamente o turismo;

- ainda hoje o turismo não tem uma política de emprego ana-

lisada previamente desde o enfoque no género;

- o Covid-19 destruiu totalmente a cadeia de valor do turismo e todas as análises críticas que temos feito desde os estudos de turismo e género estão a ser mais notados, porque grande parte das pessoas que perdem o emprego hoje são Mulheres.

Toda a precarização que as Mulheres sentiam quando o turismo era uma atividade muito importante, hoje está a impactar muito mais nesta perda de emprego.

Estamos num ponto em que não podemos retornar ao que tínhamos antes, tomemos isto como uma oportunidade para analisar o turismo do ponto de vista do género para poder salvar o turismo e que na era do Covid-19 o turismo possa trazer o desenvolvimento sustentável.

O turismo é muito importante para cumprir a Agenda 2030, que é a atual Agenda do Desenvolvimento Sustentável, porém há que se transversalizar a Agenda 2030 e o turismo. Não há turismo sustentável se não incorporarmos a igualdade de género, e isto é um ponto vital sobretudo no contexto atual, na era do Covid-19.

O enfoque no género é importante para:

- proporcionar trabalho decente, promover o desenvolvimento sustentável e o desenvolvimento do ponto de vista responsável.



Ana Sofia Fernandes

Presidente da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres

Ana Fernandes, formada em Relações Internacionais e em Desenvolvimento e Cooperação Internacional, é formada e certificada em Igualdade de Género, tendo contribuído para numerosas publicações na área dos direitos humanos das Mulheres e da igualdade entre Mulheres e Homens.

Desde 2018, é Vice-Presidente do Lobby Europeu das Mulheres, a maior plataforma de ONG's de Mulheres na Europa, da qual se destaca a Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres onde realiza a Coordenação Nacional.

Em 2019, iniciou o percurso como Presidente da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, a maior organização da sociedade civil portuguesa na área dos direitos humanos das mulheres e da promoção da igualdade entre mulheres e homens. No mesmo ano sagrou-se membro do Grupo de Referência Mundial da Sociedade Civil da Iniciativa Spotlight da UE/ONU que visa eliminar a violência contra as Mulheres e Raparigas até 2030.

O tema traduzido falou sobre Turismo Sexual, uma problemática que envolve desigualdades estruturais entre o Norte e o Sul, entre pessoas ricas e pessoas pobres, e no





seu centro, a desigualdade entre Mulheres e Homens, onde a maioria dos consumidores são Homens e onde a maioria das pessoas que são vendidas para sexo são Mulheres e Crianças. Infelizmente no sistema mundial patriarcal existe comércio de Mulheres e de Crianças, há exploração sexual e muitas vezes potenciadas sob a ideia de um destino turístico.

O atual cenário da Covid-19, é o momento ideal para falar deste assunto, repensar as nossas sociedades e descodificar que Mundo é este?

O tema tem uma relação direta entre as características da legislação de cada país relativamente a esta matéria e o facto de serem ou não destinos dos chamados destinos sexuais, o que melhor enquadra como exploração sexual no mercado capitalista e neoliberal que explora de facto o corpo das Mulheres e das Raparigas.

Nos países que legalizaram o comércio sexual, é considerado um trabalho. Nos países que têm uma legislação abolicionista, o que se pretende é a criação de programas que possibilitem, as Mulheres e as Raparigas, saírem da exploração sexual e nalguns deles criminalizar a compra do sexo.

Um outro conjunto países não tem qualquer tipo de intervenção em termos do chamado mercado do trabalho sexual.

Combater o turismo sexual significa combater o sistema prostitucional. É sabido a relação direta entre o tráfico da exploração sexual e o sistema de prostituição e que há um conjunto de países que inclusive fazem marketing em torno do chamado turismo sexual. Dependendo dos países e do modelo legislativo, naturalmente, existem mais ou menos Mulheres traficadas para exploração no sistema prostitucional.

Em 2017 houve um separador em termos de informações turísticas direcionado precisamente a pessoas que compram sexo, e que foi integrado numa publicação que fazia publicidade aos 10 melhores destinos de turismo sexual no mundo.

Isto mostra como no mercado globalizado quem tem dinheiro são as pessoas que mais viajam e muitas delas viajam deliberadamente para locais onde podem pagar o acesso ao corpo de mulheres e de crianças, muitas traficadas e exploradas, oriundas de situação de pobreza.

Um estudo sobre a tipificação dos turistas sexuais dizia: turistas sexuais típicos são Homens altamente educados, de 30 a 40 anos de idade, que vão a países economicamente desfavorecidos, menos de metade desses Homens relatou usar regularmente preservativo, mesmo em destinos com elevada prevalência de doenças sexualmente transmissíveis.

Um outro estudo dos EUA, dizia 81,5% dos casos de tráfico sexual identificados nos EUA em 2018 aconteceram num hotel, ou seja, o setor do turismo obviamente não criou o sistema da prostituição ou o tráfico de seres humanos para exploração sexual, mas, obviamente que beneficia dele ou o potencia, dependendo de efetivamente existirem políticas transversais à igualdade entre Mulheres e Homens e que potencie a alteração destas práticas comerciais.

Um relatório de 2016 para o fim da prostituição infantil, pornografia infantil e tráfico de crianças para fins sexuais, dizia que a maioria dos consumidores de pornografia infantil são criminosos situacionais. Americanos e residentes permanentes dos EUA representavam cerca de 25% dos turistas sexuais com crianças em todo

o mundo e até 80% na América Latina.

Neste cenário, esta é uma matéria que agora que há de facto uma maior análise sobre o setor do turismo, e como ele pode contribuir para o Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, sabendo nós que o nosso ODS é o 5, que tem de ser transversalizado em todos e que tem a ver com a igualdade de Mulheres e Homens, e cabe à Global Women in Tourism, a todas as peritas do turismo e aos operadores turísticos estarem em alerta, pois há um conjunto de iniciativas que podem ser tomadas nomeadamente nos hotéis para detetar casos de tráfico.

É possível desenvolver apps, dar formação a pessoas que trabalham neste setor, por exemplo, fazendo o despiste destas situações e trabalhando com organizações que promovam a igualdade de género, o empoderamento das Mulheres, porque empoderar as Mulheres não é explorá-las sexualmente.



Mel Bracarense

Especialista em Transição de Carreira para Mulheres

Mel Bracarense, psicóloga há quase 20 anos, CEO da empresa "Mães com Carreira", ajuda Mulheres a se reinventarem profissionalmente depois da maternidade a partir da descoberta carreira - missão. Foi Gerente de Recursos Humanos durante 15 anos em grandes companhias até que decidiu construir o seu pró-

prio negócio para viver a sua medida de maternidade e de carreira.

Nos últimos anos, Mel já ajudou centenas de Mulheres de todo o Mundo a se reinventarem profissionalmente depois da maternidade através do Programa Mães com Carreira, o PMC, o seu Programa Online de Coaching de Carreira específico para Mães.

Abordou o tema "A maternidade como impulsionadora da carreira", onde a referência à maternidade como um marco em todas as áreas da vida e na carreira esteve bastante presente.

Um estudo realizado para a Fundação Getúlio Vargas, mostra que no Brasil 48% das Mulheres são demitidas no primeiro ano que retornam da sua licença maternidade. No Brasil a licença de maternidade é de 4 a 6 meses.

A maternidade vem como, mais um ponto de desafio da Mulher, mas, ao mesmo tempo como uma grande oportunidade da Mulher se reinventar, de resgatar quem ela é, de perceber a força do feminino nela, e da Mulher conhecer em si os seus talentos e que construa o seu espaço no mundo do trabalho, quer seja em empresas públicas ou privadas ou empreendendo, que é um dos caminhos que muitas mulheres encontram para se recolocar no trabalho e para trabalhar com mais liberdade para acompanhar seus filhos com menos riscos de retaliação pelo facto de se engravidarem.

Os grandes ganhos os grandes feitos e avanços sociais acontecem a partir das dificuldades e a maternidade, sem dúvida que gera um grande impacto nas carreiras e faz com que cada uma de nós tenha a oportunidade de olhar para dentro e de reconhecer o que realmente é importante e

